

PÔSTER | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES

RELATOS VIVENCIADOS POR PROFESSORAS NEGRAS EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CODÓ-MA¹

REPORTS EXPERIENCED BY BLACK TEACHERS IN CITY CODÓ-MA

Josélia da Silva dos Santos²

Maria do Socorro Gonçalves da Costa³

RESUMO

Este trabalho possui a finalidade de investigar as vivências de quatro mulheres, professoras negras da rede pública da cidade de Codó-MA. Tal pesquisa nos possibilitará verificar indícios seculares de uma sociedade que é fortemente marcada por preconceitos, racismo e sexismo. O problema de pesquisa visa analisar as categorias de gênero, raça e classe social, interligando com o universo da trajetória educacional de quatro professoras negras. Nossa pergunta de pesquisa é: quais os desafios enfrentados por essas mulheres negras, que lecionam em escolas públicas, situadas no bairro Codó Novo no município de Codó-MA? Assim, exploraremos as trajetórias dessas mulheres, para promover o debate e mostrar a emergência de se quebrar o silêncio, exclusão e preconceitos que permeiam a história da mulher negra. Dessa maneira, coube à nossa análise uma orientação metodológica a partir da história oral, com entrevistas semiestruturadas.

Palavras-Chaves: Mulher; Raça; Classe. Educação. Escola.

ABSTRACT

This work aims to investigate the experiences of four women, black teachers from the public school system in the city of Codó-MA. Such research will enable us to verify centuries-old evidence of a society that is strongly marked by prejudice, racism and sexism. The research problem aims to analyze the categories of gender, race and social class, interconnecting them with the universe of the educational trajectory of

¹ Artigo produzido com base na Monografia de conclusão de curso, apresentada a Coordenação do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, do CCCO/UFMA.

² Discente do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, CCCO/UFMA.
jhosy.silvasantos@gmail.com

³ Professora Adjunta do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, CCCO/UFMA.
maria.sgc@ufma.br

four black teachers. Our research question is: what are the challenges faced by these black women, who teach in public schools, located in the Codó Novo neighborhood in the municipality of Codó-MA? Thus, we will explore the trajectories of these women, to promote debate and show the emergency of breaking the silence, exclusion and prejudices that permeate the history of black women. In this way, our analysis was based on a methodological orientation based on oral history, with semi-structured interviews.

Keywords: Woman; Race; Class. Education. School.

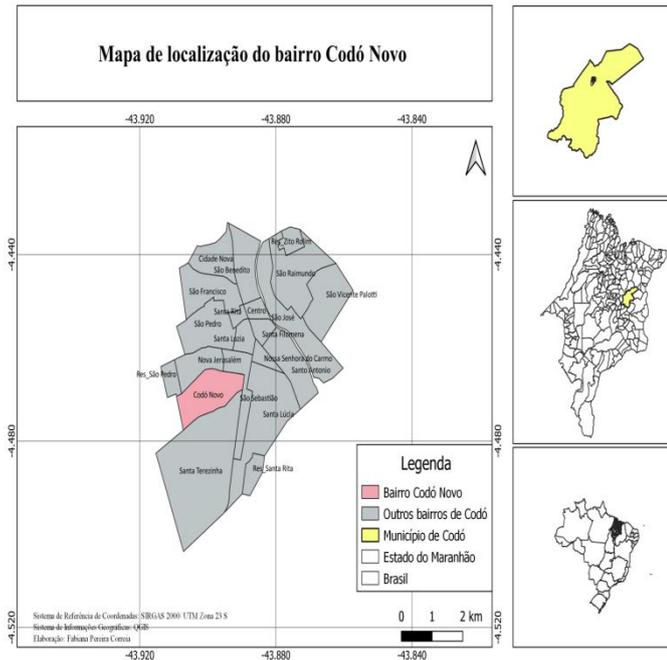
1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de um recorde do meu trabalho de conclusão de conclusão, cujo a finalidade inclui analisar as seguintes categorias: raça, gênero, e classe social fazendo um paralelo com trajetória educacional de quatro mulheres negras, professoras, que aceitaram participar dessa pesquisa. Trazer para debate questões que permeiam a história de professoras negras que lecionam na escola pública e os preconceitos vivenciados por elas. Tem por objetivo: contribuir para o debate sobre racismo, sexismo, exclusão social, preconceitos e identidades de gênero no meio escolar. Por tanto, a pergunta que direciona nossa pesquisa é: quais os desafios enfrentados por mulheres negras que lecionam em escolas públicas, situadas em um bairro periférico da cidade de Codó-MA?

A cidade de Codó foi fundada em 16 de abril de 1896. Sua população foi estimada em 123.368 habitantes. Segundo o último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgado em primeiro de dezembro de 2010. A cidade foi elevada à categoria de vila pela Lei Estadual nº38/38 de 21.07.1838, autenticada pelo então presidente da província do Maranhão Vicente Tomas Peres de Figueiredo Camargo. Mais tarde, a vila passou à condição de cidade por meio da Lei Estadual nº 133/98 de 16 de abril de 1896, sancionada pelo governador Alfredo da Cunha Martins (SILVA, 2013). A origem do nome Codó, relaciona-se com charco, pântano, alagadiço, brejo, para outros, Codó tem sua origem etimológica em Codorna ou Codorniz.

Geograficamente a cidade de Codó localiza-se na região Nordeste do Estado do Maranhão, fazendo parte da mesorregião Leste Maranhense e da microrregião dos Cocais. O município é banhado pelos seguintes rios: Itapecuru (um dos mais importantes rios do Estado do Maranhão além de ser o maior rio do Maranhão) o mesmo deu origem ao povoamento do município, além deste, é banhado pelo rio Saco e Codozinho.

O bairro em estudo, bairro Codó Novo escolhido para a elaboração desse estudo, encontra-se localizado no oeste do município. A divisão do município em bairros se deu na gestão de Antônio Joaquim Araújo, a partir da lei municipal nº 726/ 83 de 04 de junho de 1983. Os primeiros bairros formadores da cidade de Codó foram: Centro, São Benedito, Cidade Nova, São Francisco, São Raimundo, Santa Luzia, São Pedro, São Sebastião, Santa Lúcia, Nossa Senhora das Graças, Santa Filomena, Santo Antônio e São José.



A seleção dessas entrevistadas obedeceu aos seguintes critérios: atuação em escolas da rede pública e se autoidentificar como mulher negra, considerando-se assim pertencente à população negra, lecionar entre 5ª e o 9º ano, a faixa etária entre 23 e 40 anos de idade. Inicialmente escolhemos quatro escolas do bairro Codó novo, para uma primeira conversa informal e fazer um primeiro contato com as entrevistadas. O segundo passo foi localizar nossa fonte de pesquisa, com o objetivo de estabelecer com elas um primeiro contato. Quando lhes apresentei minha proposta de pesquisa todas se manifestaram positivamente para contribuir com o tema, ficando claro que essas professoras precisavam e necessitam falar e serem ouvidas. É válido mencionar que para melhor preservar a identidades das colaboradoras desta pesquisa optamos por colocar nomes fictícios para assim deixá-las mais à vontade.

O artigo buscou de início, um referencial que pudesse fundamentar as questões no tocante à invisibilidade da mulher negra. Portanto, se fez necessário o uso da pesquisa qualitativa e pesquisa de campo.

Trabalhar as questões de raça, classe e identidade social, conhecer as histórias de mulheres negras para mim enquanto historiadora e professora é um privilégio, pois, tal como essas mulheres, trago em mim as raízes raciais e todos os conflitos que permeiam a existência dessas mulheres dentro de uma sociedade que foi construída a partir de um ideal do ser mulher, no qual a mulher negra não possui as características desse ideal.

Quando a mulher é pensada, no imaginário da sociedade já há um ideal do ser mulher. Simone de Beauvoir tentará descolonizar o ideal que tenta colocar uma essência para a mulher, sem que esse nunca consiga transcender. Nesse sentido, Beauvoir nos alerta:

Ela se apresentava como uma essência tão precisamente definida quanto a virtude dormitiva da população. Mas o conceitualismo perdeu terreno: as ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de indetidades imutavelmente fixadas, que definiriam determinadas características como as da mulher, fatos, e mitos [...]. Será esta secretada pelos ovários? Ou será congelada no fundo de um céu platônico? Ou será que bastará uma saia fru-fru para fazê-la descer a terra? (BEAUVOIR, 2016a, p. 10).

Ainda, segundo a autora

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existir para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo (BEAUVOIR, 2016b, p. 11).

A mulher negra por não se encaixar nesse ideal do ser mulher acaba ficando no campo da invisibilidade, porém, se pensarmos um pouco, iremos perceber que somos diversas, cada uma com sua particularidade. A mulher em si já e colocada nunhum lugar de inferioridade se comparada ao homem, porém, quando passamos a analisar a trajetória da mulher negra, essa inferioridade passa a ser mais agressiva porque além disso, pesa a questão racial, o que Djamila Ribeiro caracteriza como o outro do outro.

[...] mulheres negras, por não serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supracitada branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. Nessa análise, percebe o status das mulheres brancas como oscilante, pois são mulheres, mais são brancas, do mesmo modo, faz a mesma análise em relação aos homens negros, pois esses são negros, mas homens. Mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de Outro do Outro (RIBEIRO, 2017, p.39).

Isso faz parte de um (pré) conceito que se criou em torno da mulher negra ao longo do tempo, e trazer à tona os relatos das professoras negras para o debate é uma forma de dá voz a essas mulheres que muitas vezes durante muito tempo foram silenciadas, e não porque não tenham algo a dizer, mas, sim porque a sociedade sobrepunha esse silêncio a estas mulheres. Isso porque a partir do momento que a sociedade parar de colocar essas mulheres nesse lugar de subordinação, pararem para ouvir o grito de socorro delas, se começará a perceber seu valor e dignidade que tal grupo ocupa na sociedade, e a partir desse novo olhar irão ver que o lugar que esse grupo ocupa foi conseguido pela submissão de outro grupo, por isso, esse grupo subordinado não abre os olhos para a cruel realidade das mulheres negras e de outros grupos subordinados.

2 OS DESAFIOS DE SER MULHER NEGRA NO BRASIL

A questão de gênero, raça, sexismo e identidade social, que representa a condição da mulher negra são debates que necessitam de discussões de todos os campos do conhecimento que abordem o campo profissional, porque no campo educacional se abre de modo profícuo tais discussões e problemáticas. Pois, como sabemos todas e todos as professoras e professores são formadoras/es de opinião. Tais docentes têm a responsabilidade e o dever social de abrir caminho para que existam tais discussões. Assim sendo, esses agentes que se encontram nas áreas ligadas à educação possuem o compromisso de promover debates e discussões que venham contribuir para a formação do conhecimento e que possam mudar posturas ainda arcaicas e preconceituosas contra a população negra, mas explicitamente mudar a postura para com a mulher negra.

O objetivo é relatar o percurso dessas docentes para se autoafirmar, enquanto mulher, negra e professora, e como o fenótipo interferiu e interfere na realidade social e profissional dessas mulheres. Para tanto iremos trazer alguns relatos de quatro professoras, relatos esses como já mencionados fazem parte da minha defesa de tcc.

Segundo nos relatou uma colaboradora, o preconceito é algo que têm de lidar cotidianamente, o que não é algo fácil, pois todos os dias ela(s) têm que provar sua capacidade. Que isso não acontece somente fora das escolas como muitos pensam, mas também dentro da própria escola, como relata outra participante. Elas relataram que o preconceito e todas as suas faces estão por todas parte, até mesmo na instituição escolar, onde poderiam se sentir mais seguras e acolhidas, porém, o que se observa é que segundo a colaboradora Maria* é que esse local se encontra ainda muito frágil perante todas as questões que permeiam a vida da mulher negra professora.

Uma das perguntas do questionário era se: a questão do racismo e preconceito eram trabalhada na escola, a professora Maria* respondeu:

Não! O que há é a reprodução do racismo brasileiro, o racismo vai pensar a questão racial de que modo? Admite-se que o racismo existe, mas todo mundo é uma ilha de muita compreensão sobre o negro, porém sabemos que o negro é cercado de racismo por todos os lados. Se todo mundo se diz antirracista, aí você fica procurando o praticante desse racismo, sendo que o Brasil é o país que mais promove a discriminação racial. Todo mundo queria ser negro, todo mundo queria ter a pele bem moreninha igual a tua, o cabelo bem cacheatinho que nem o teu, a se eu pudesse escolher meu filho era assim que nem tu, há essa reprodução no discurso da escola (Professora Maria*, 2022).

O que se observa diante da fala da professora Maria e que ninguém admiti ser racista, mas os números e dados nós mostra uma realidade diferente.

Segundo Juarez Dayrell (1999, p. 136), citado por Silva (2003, p. 71):

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo do fazer-se cotidiano levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadoras e trabalhadores, negros e brancos adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história. Falar da escola como espaço cultural implica assim resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Debater sobre essas questões dentro do âmbito escolar não é algo fácil, porque precisa haver um comprometimento tanto da gestão escolar como da família, o que muitas vezes não acontece, infelizmente.

Diante desse cenário perguntamos às professoras como elas tralham a questão do racismo em sala de aula? A professora Maria* responde:

Me baseio muito na lei 10.639, aproveito todas as oportunidades que o próprio conteúdo das turmas vão permitindo, apresentar que a África não é só escravidão, na verdade, estas questões estão sempre na nossa frente, porque quando você está falando de pré- história você está falando de Continente Africano, quando você fala de idade dos metais você está falando de Continente Africano (Professora Maria*, 2022).

Outra pergunta do feita às colaboradoras da pesquisa foi se elas já vivenciaram algum tipo de preconceito e racismo dentro da escola?, todas responderam que sim e não só por parte dos alunos, mas também por parte do corpo docente da escola, ou seja, por parte dos seus próprios colegas de trabalho.

Luto todos os dias contra essas opressões que permeiam a história da população negra. Muitas das vezes percebo que sou algo que incomoda, pois sou uma mulher em contato com minhas identidades, e isso faz com que certos olhares venham sobre mim, por me vestir de um jeito diferente, do que é considerado normal, por pintar meu cabelo, por usar brincos só de um lado da orelha. Tudo isso além de ser minha identidade tento mostrar para meus alunos e para sociedade as raízes de um povo que foi submetido e ainda o são às duras opressões, (simplesmente porque não é homem e nem branca, pois é evidente a olhos nus ver tal diferença entre a mulher negra e a mulher branca, chega até ser gritante tal desigualdade.) porque eles não estão acostumados a lidar com o diferente. Quando eles ouvem falar do povo africano é algo muito raso, superficial, sem um devido discernimento. Meu objetivo como educadora e ser humano é esticar o senso crítico desses alunos, fazer com que eles comecem a se fazer os seguintes questionamentos: por que o povo negro que constitui a maior parte da população brasileira ainda continua desassistida em alguns espaços? Sendo que nosso país levanta a bandeira da igualdade e da fraternidade, país este que se diz democrático (Professora Maria*, 2022).

Trabalhar essas questões em sala de aula, é um desafio porque nós professoras estamos a todo momento sendo vigiada pela coordenação da escola, que exige que passamos somente os conteúdos que estão no currículo, e se pararmos para debater essas questões irá perder muito tempo, o que fará com que o currículo fique defasado, o que resultara aos olhos da instituição em baixo rendimento no final do ano (Professora Ana*, 2022).

Eu faço minha parte, não trabalho muito essas questões na escola que trabalho, porque não encontro apoio por parte da direção, o que acontece na verdade é que quando você quer promover um trabalho mais crítico sobre tais temas você é chamada de metida de quer se achar a melhor, por isso, prefiro fazer somente minha parte na medida que eu posso, sem chamar atenção para mim (Professora Nina*, 2022).

Há muitas barreiras que impossibilita uma maior abrangência desse tema nas escolas, pois, estamos cercadas por um sistema que visa somente quantidade e não qualidade, o sistema educacional em geral está preocupado em passar o aluno de uma série para outra e não se ele está capacitado para isso (professora Clara*, 2022).

Outra pergunta feita para melhor compreender esse diagnóstico foi: em que momento de suas vidas se depararam com questões raciais? A professora Maria* responde:

Muito cedo, porque a escola expõe a gente a um monte de situações, hoje eu sou mãe, e como mãe, tenho medo de mandar minha criança para escola, porque já conheço tudo que ela irá passar nesse ambiente, como uma criança negra filha de pai preto e mãe preta. Porque a sociedade que está em volta da própria escola não se modificou tanto, a ponto de permitir que a cidadania desses indivíduos que na escola estão não seja garantida, passando pelo fato de que sua condição de indivíduo negro precisa ser respeitada, valorizada pelos projetos escolares e respeitadas também no planejamento escolar e não são. Currículo, matéria, 13 de maio, o convívio com os colegas, a lista da menina mais bonita da sala, do menino mais bonito da sala, que ainda acontece. A gente ver isso em sala de aula, pessoas que não querem fazer atividades em par por que o outro indivíduo é negro, e aí, vai dizer que negro fede que negro é isso, que negro é aquilo, porque não há uma problematização de onde vem a coisa, só se naturaliza, se recebe todos os dias essa carga negativa de que nós não somos indivíduos, nós não somos pessoas, nós não somos gente, nós não temos humanidade, se não temos humanidade podemos ser tratados como bichos, daí a violência, a violação de direitos, daí não ser percebido como aquilo a ser levado em consideração na construção de qualquer coisa (Professora, Maria*, 2022).

Minha família sempre desde pequena me ensinou a me defender, então, essas questões sempre foram trabalhadas comigo desde muito cedo, por isso não passei na pele de forma agressiva por essas questões, fui preparada desde cedo para lidar com essas questões. (Professora, Ana*, 2022).

O racismo e os preconceitos podem ser sentidos em cada voz dessas professoras, e se apresentam de diferentes formas, como no caso da professora Ana*, que nos relatou que mesmo não sentindo o impacto dessas categorias tão agressivamente como suas colegas, ela não deixou de senti-lo como ela mesmo relata:

Em uma roda de conversa com meus amigos, um deles começa a elogiar a mulher negra, que mulher bonita é a mulher negra, de pele limpa, de corpo bem avantajado mulher de atitude, ele elogiou a figura da mulher negra de todas as formas, então com uma ponta de curiosidade eu perguntei, que cor é sua mulher? E ele respondeu é branca. Então parei e pensei poxa, o cara elogia a mulher de todas as formas mais na hora h, na hora do casamento o homem prefere uma mulher branca? Eu vivo isso a cada dia, a toda hora você é comparada, se você é boa, mais até que ponto você é boa? Mas, pelo fato de você ser negra você tem que mostrar que você é sempre mais, tem que se dar mais, e para mim eu acho que isso é uma falha, a gente a todo tempo querer mostrar que a gente pode que a gente não falha que a gente é a todo tempo forte e que a gente acaba esquecendo que a gente também é ser humano cheios de falhas e defeitos como outro qualquer, uma pessoa branca não é perfeita então porque temos que ser perfeito? Porque não podemos errar? (Professora, Ana*, 2022)

Ele, o racismo, mesmo camuflado está presente nas vidas dessas professoras. Segundo nos relata Walkyria Chagas da Silva Santos:

Ser mulher e ser negra no Brasil significa estar inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas. A abolição da escravidão sem planejamento e a sociedade de base patriarcal e machista, resulta na

situação atual, em que as mulheres afrodescendentes são alvo de duplo preconceito, o racial e o de gênero. (SANTOS, 2009, p. 1).

Sousa complementa a tese de Santos, quando diz que:

Nascer com a pele preta e ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca e si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUSA, 1983, p. 77).

Diante desse diagnóstico e dos relatos colhidos, a pergunta a qual fazemos é: o que é ser uma mulher negra professora? A essa pergunta quem irá nos responder é Sousa:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativa alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua própria história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUSA, 1983, p.17-18).

Pois a mulher negra além de lidar com as questões de raça ainda está sujeita as questões de gênero e classe, como afirma Ribeiro:

Mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. Nessa análise, percebe o status das mulheres brancas como oscilante, pois são mulheres, mais são brancas, do mesmo modo, faz a mesma análise em relação aos homens negros, pois esses são negros, mas homens. Mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de Outro do Outro (RIBEIRO, 2017, p.39).

Ana Lucia Valente (1994). complementa o relato de Ribeiro dizendo que:“as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de triplas discriminações: social, sexual e racial, Portanto, tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres negras” (VALENTE, 1994, p. 56). Conclui se, portanto, que a mulher negra ainda continua sendo vista pela sociedade no campo da invisibilidade. Segundo Nascimento,

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão-de-obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra ‘um destino histórico’. É ela quem desempenha, em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia. (NASCIMENTO, 2007, p. 128)

3 DIAGNÓSTICO DE UMA REALIDADE QUE PRECISA SER MUDADA

Essa pesquisa está inserida no campo da interdisciplinaridade e da interseccionalidade, pois abrange educação, gênero, raça e classe, uma vez que nos faz conhecer a história de um grupo que foi colocado na condição de subalterno, as mulheres negras, condição essa que lhe foi imposta por um grupo que se acha superior e homogêneo, pois como se sabe nossa sociedade foi construída a partir das narrativas do branco.

Este grupo não questiona os privilégios que os cercam. A grande luta aqui será fazer com que esse grupo privilegiado se perceba e se conheça, pois, a partir daí ele começará a ver que o lugar que ele ocupa impacta em outros grupos subalternos, quando perceberem que tais privilégios foram criados com base na submissão de outros grupos minoritários, no caso, os negros e negras.

Quando pararem e olharem para a sociedade sem esse véu da superioridade, perceberão que a sociedade é racista e que os seus privilégios foram criados a partir da opressão e de discriminação só daí em diante tais indivíduos perceberão a sua responsabilidade de lutarem contra tudo isso. Tal opressões só acabará quando esses indivíduos se conscientizarem da importância de se quebrar esse modelo de sociedade; para isso, precisam entender a origem de seus privilégios, assim perceberão que os benefícios que os comportam acabam por oprimir e tomar o direito de outros grupos, é, portanto, imprescindível políticas públicas sobre igualdade social e levantar tais debates nas escolas, pois só assim promoveremos a transformação da mentalidade da sociedade em geral.

O diálogo nos oferece a percepção que ser diferente não é ruim e usar nossas diferenças como armas contra as opressões que nos foram empurradas goela abaixo, e usar tais diferenças como algo criativo e não como algo que nos separa uns dos outros, fazendo assim com que essa divisão social não permaneça estratificada em nossa sociedade.

Romper com o silêncio é outra arma essencial nessa luta de transformação de mentalidade. Quando falamos em quebrar o silêncio não estamos nos referindo somente a responder alguém diretamente, mas sim aos diversos silêncios a que nos impõem como mulheres negras professoras. Como diz Djamilia Ribeiro, é romper com os silêncios institucionais, silêncio de morte negra, da desigualdade ou quando olhamos o país no qual vivemos em que a maioria é negra e a gente não se ver representadas em determinados

espaços, pois tais silêncios foram criados por uma voz única, a voz da branquitude e masculinidade (RIBEIRO, 2017).

As experiências relatadas servem para desconstruir discursos preconceituosos camuflados no interior da sociedade brasileira. Essas experiências nos ajudaram a repensar as lacunas sobre os assuntos existentes em nossa sociedade, como: racismo, sexismo e classe social. Diante das trajetórias de vida colhidas nessas primeiras entrevistas formais, nos possibilitou afirmar que a condição da mulher negra professora da rede pública de Codó-MA é da exclusão, pois no momento em que essas mulheres se fazem mais presentes em alguns espaços, como a docência, profissão que antes não era permitida à mulher negra, nos permite ver essa desigualdade social e a diversidade de identidade.

O que se evidencia sobre a condição da mulher negra e professora da rede pública da cidade de Codó é que a presença destas, nesse espaço ainda é pouco visível, a escola também se apresenta como um ambiente de segregação racial.

E diferentemente do que muitos pensam essa segregação ocorre muitas vezes não por parte dos alunos, mas, por outros membros que compõem essa instituição, a opressão sofrida por tais mulheres em suas trajetórias de vida pessoal e acadêmica revela, portanto, o mito da democracia racial no Brasil revela a superioridade de um grupo que se considera homogêneo sobre um grupo reprimido e subalterno. É preciso transformar urgentemente a mentalidades desse grupo privilegiado que até os dias de hoje apresenta-se como universal e como a voz única que merece ser legitimada. Deve-se também pensar em políticas públicas que possibilite promover soluções para igualar esta mulher negra não somente com suas irmãs brancas, mais também com os homens brancos e negros. Para que assim se possa afirmar que nossa sociedade é em todas as suas dimensões, uma sociedade que realmente faça jus ao lema, liberdade, fraterna e igualitária. É fundamental se fazer alguns recortes quando for mencionar a mulher.

É de extrema urgência que a mulher negra se apodere de si, e de suas histórias, precisam parar de deixar que outras vozes falem por si. Pois, como salienta Santos, “As mulheres negras, necessitam reencontrar a sua identidade, valorizar suas histórias e suas raízes, se assumir enquanto afrodescendentes e agentes ativos desse processo de democratização.” (SANTOS, 2009, p. 5). Pois, se elas não começarem a contar suas próprias histórias, a única voz que se ouvirá e a repetição de uma voz única de uma classe privilegiada, e assim nunca será possível transformar de fato a real situação das mulheres, particularmente a mulher negra.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos/experiências**. 3 ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a. v.2

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b. v.3.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTIS, Alex. (org). **Eu sou Atlântica sobre a vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo/Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. A mulher negra brasileira. **Revista África e Africanidades**, n.5, mai. 2009.

SILVA, Eva Aparecida da. **Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara**. 2003. 210f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2003.

SOUSA, Neusa Santos. **Torna-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: edições Graal, 1983.

VALENTE, Ana Lucia. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo. Ed: Moderna 1994.